

BOM JESUS DA LAPA**Três romarias, um patrimônio e muita fé**Prof. Dr. José Cláudio Alves de Oliveira¹**RESUMO**

O presente texto visa apresentar a cidade de Bom Jesus da Lapa e as suas três romarias como patrimônio cultural religioso. O texto mostra uma das cidades mais procuradas pelo turismo religioso, pois se mostra como grande palco das peregrinações católicas do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural, romarias, religiosidade, santuário.

¹ claudius@pesquisador.cnpq.br Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Adjunto do Departamento de Museologia da UFBA. Pesquisador do CNPq.

BOM JESUS DA LAPA**Três romarias, um patrimônio e muita fé**

Prof. Dr. José Cláudio Alves de Oliveira

ABSTRACT:

This paper presents Bom Jesus da Lapa city and yours three pilgrimages like a religious cultural patrimony. The article shows a city researches a lot by religious tourism, so it shows how is big your space of catholic manifestations of Brazil.

KEYWORDS: Cultural patrimony, pilgrimage, religiosity, sanctuary.

Introdução

Bom Jesus da Lapa é o resultado do povoamento feito em torno de um morro. Há também um rio que, mesmo sendo o colossal São Francisco, é no caso, um acidente geográfico pouco notado pelos primeiros lapenses como fator de colonização. Um vazio de várias centenas de metros, ante a indiferença que ainda hoje persiste, separa-o, ou melhor, isola-o da cidade.

O monte calcário da cidade concentrou todas as atenções. Casas surgiram a seu pé, voltadas para ele. É o morro da Lapa com seus muitos encantos e as lendárias grutas onde se acha um santuário, o de Bom Jesus. (figura 1)

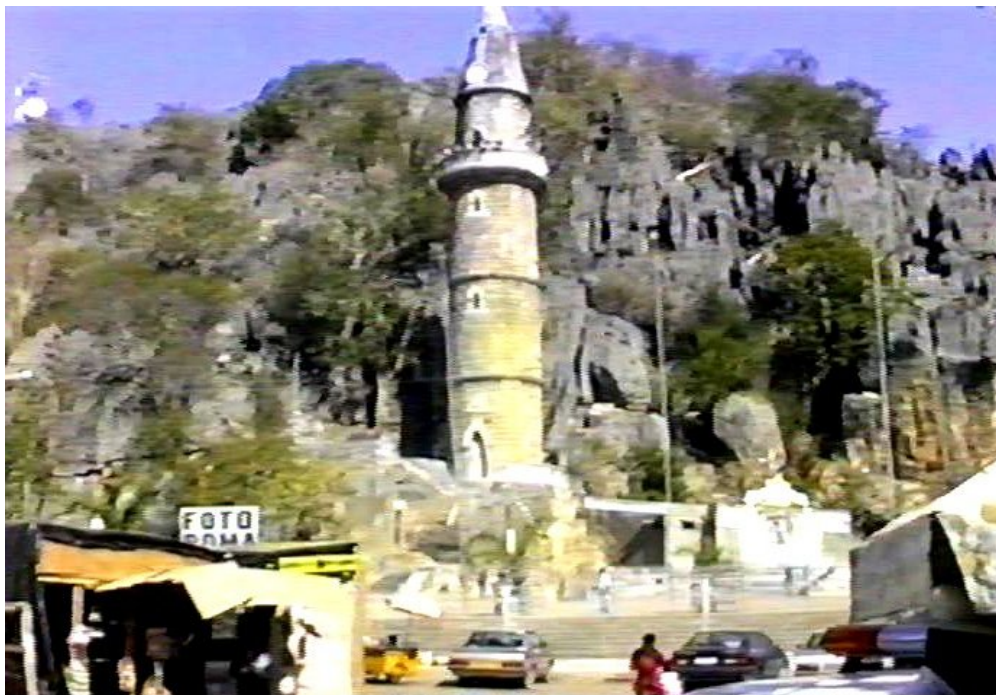


Figura 1. Vista parcial da torre e do morro de Bom Jesus da Lapa.

Teria sido Duarte Coelho, o capitão donatário de Pernambuco, o primeiro a visitar o morro, quando em viagem de exploração, entre os anos de 1543 a 1550 (CARNEIRO, (1905, p. 48).

Os componentes da primeira bandeira, organizada em 1553 pelo primeiro Governador-Geral, Tomé de Souza, chefiada pelo espanhol Francisco Buzza Espinosa, da qual também fazia parte o jesuíta Aspigueta Navarro, chegou a conhecer a gruta. E o bandeirante Belchior Dias Moreira, o Muribeca, deixou sinais de sua passagem nas inscrições que fez no teto da sala de milagres, desaparecidas no incêndio de 1903, e nas que se conservam ainda hoje, no lado do cerro, e que teriam sido escritas no ano de 1602 (Id, 57).

A partir de agosto de 1663, o mestre-de-campo Antônio Guedes de Brito passou a ter poder na área compreendida entre o Morro do Chapéu e as nascentes do rio das Velhas (SARMENTO, 1987, p. 85).

Para entrar na posse dessas terras, Antônio Guedes de Brito teria organizado uma bandeira de duzentos homens com a incumbência de fundar fazendas de criação de gado. Uma destas foi a do Morro, depois chamada Bom Jesus da Lapa que os indígenas conheciam como Itaberaba, significando pedra formosa e resplandecente.

As terras do mestre-de-campo Antônio Guedes de Brito, com 160 léguas de extensão, eram divididas em sítios geralmente de uma légua, muitos deles aforados à razão de dez mil réis por ano.

Após sua morte, repartidos os bens entre seus herdeiros, a propriedade de tão vastas dimensões foi sendo vendida, ficando com os sesmeiros apenas as terras aproveitadas para o plantio do buriti. “Outra parte das terras passou a ser considerada como terras devolutas” (CARNEIRO, 1905, p. 60).

No intervalo de tempo que vai de 1670 a 1745 pouco se sabe sobre a história do povoado. Em 1750, havia um arraial de cerca de 50 casas de barro cobertos de palha. Cem

anos depois, em 1852, um grupo de geólogos austríacos, em relatório que escreveu sobre a região de Bom Jesus da Lapa e de São Francisco, conta que o arraial da Lapa tinha 128 casas com duzentos e cinquenta habitantes sedentários (Id, 68). Dezoito anos depois, a Lapa era considerada distrito de paz e possuía delegacia e cerca de 405 casas habitadas por 1.400 pessoas.

O arraial de Senhor Bom Jesus da Lapa foi elevado à categoria de vila, com a mesma denominação, pelo ato estadual de 18 de setembro de 1890, assinado pelo então governador do Estado da Bahia, Dr. Virgílio Clímaco Damásio que, também, criou o respectivo município, formado do distrito da Lapa e Sítio do Mato, por desmembramento de território do município de Urubu, depois Rio Branco e atual Paratinga. Sua instalação ocorreu a 7 de janeiro de 1891(ENCICLOPÉDIA, 1960, p. 24).

O município está situado na região centro-oeste do Estado da Bahia, na zona fisiográfica do médio São Francisco, com território totalmente abrangido pelo polígono das secas. A sede municipal de Bom Jesus da Lapa está no rumo oeste-sudoeste, partindo da capital do Estado, da qual está distante, em linha reta, 509 quilômetros. ⁽²⁾

A altitude da cidade é de 433, 819 metros acima do nível do mar, segundo se vê na placa cravada junto à sede municipal, do canto direito da igreja matriz, pelo Conselho Nacional de Geografia (ENCICLOPÉDIA, 1960, p. 25).

O município possui uma das maiores áreas do Estado da Bahia, de cuja superfície ocupa 1,85%. Tem 10.269 Km² e é o décimo primeiro município baiano em extensão territorial.

Pelo censo do IBGE, de 2001, Bom Jesus da Lapa conta com 54.910 habitantes. O território do município é quase todo plano, surgindo, de vez em quando, no meio das planícies

² A posição da Lapa é indicada pelas seguintes coordenadas geográficas: 13° 15'02" de latitude sul e 43° 25'44" de longitude oeste de Greenwich. Limita-se com os municípios de Paratinga, Macaúbas, Riacho de Santana, Barra, Carinhanha, Santa Maria da Vitória e Angical.

ou tabuleiros, alguns montes de feições típicas, muito interessantes. O principal deles é o morro da Lapa com suas inúmeras grutas.

O principal rio, como foi dito, é o São Francisco, que percorre 156 quilômetros dentro do município, inteiramente navegáveis por pequenas embarcações. Embarcações maiores não o navegam pelo fato de o rio ter muitos bancos de areia, fruto do desmatamento que ocorre próximo às margens do Velho Chico.

A cidade de Bom Jesus da Lapa ainda está edificada ao pé do morro. É interessante ver-se como as casas se acotovelam, cerradas junto à vertente norte do morro.

O morro tem cerca de 90 m. de altura com forma alongada na direção leste-oeste e contém inúmeras grutas, *lapiezes*, pontes naturais, enfim, todas essas formas bizarras que tão bem caracterizam o relevo calcário.

No cume do morro, ostenta um cruzeiro de cimento armado de 12 m. construído em 1935 pela Igreja Católica. O cruzeiro serve de marco da igreja e também de local de visita dos romeiros, onde à base da cruz os crentes acendem velas e fazem orações.

Degraus e pequenas pontes, realizados em 1937, permitem atingir todos os pontos do morro, o que facilita, também, a subida diária dos técnicos das empresas de telefonia para a estação de recepção localizada bem próxima ao cruzeiro.

A par do extasiante aspecto extremo de sua forma, que à distância conveniente, por uma perfeita ilusão óptica, representa uma procissão, onde se destacam padres e fiéis em uma missa que a própria natureza esculpiu no calcário, o morro vai atraindo olhares curiosos pela beleza que possui aos peregrinos, romeiros e turistas durante todo o ano.

A história do morro e de suas grutas é a história fantástica de Francisco Mendonça Mar, que em 1691 se dirigiu a pé de Salvador para o centro-oeste baiano, indo parar no morro que se tornaria, um ano depois, um santuário de peregrinações.

A vida de Francisco Mendonça Mar, na Bahia, começou em 1679, recém-chegado de Portugal, sua pátria, quando tinha a idade de 22 anos. Em Salvador, viveu trabalhando como ourives e depois pintor, cerca de doze anos. Cumprindo penitência que ele mesmo escolheu, em confissão, despojou-se de todos os bens, que distribuiu em esmolas, e saiu a caminhar sertão adentro apenas com a veste do corpo, conduzindo uma imagem do santo preferido: Senhor Bom Jesus, de aproximadamente 35 centímetros (³).

Caminhou a pé vários meses até encontrar o morro. Entre o chão firme e o rio São Francisco, havia algumas palhoças de índios tapuias. Mais além, distante uma légua, no lugar que até hoje se chama Itaberaba, havia três grandes currais pertencentes à sesmaria de Guedes de Brito. Outros haviam no Curralinho, em Urubu, hoje Paratinga, bem assim uma capela edificada desde 1680 - a capela de Santo Antônio - ao que se sabe a mais antiga do sertão do alto São Francisco (SEGURA, 1937, p. 23).

Instalado como queria na caverna mais oculta, no alto do morro por entre cactos, fez sua residência única e definitiva. Mesmo assim, vivendo como um eremita, foi encontrado por caçadores de couro e outros viandantes da região. Espalhou-se logo a notícia de que, no sertão da Bahia, um estranho homem, levando vida de santo, habitava sozinho uma linda gruta.

Desde então, alvo de curiosidade, a princípio, e depois, da mística religiosa, o morro passou a ser ponto de afluência de viajantes, aventureiros e curiosos. Algumas casas foram construídas bem próximas ao morro (CARNEIRO, 1905, p. 73).

O morro tem entrada ao lado poente. Internamente tem vasto salão de 38 m², com um altar dourado do Bom Jesus da Lapa. O teto é entremeado de sulcos de calcita cristalizada. No lado, vêem-se estalagmites de até 1,10 m de altura com 1,60 m de circunferência perfeitas, uma delas usada como pia bastimal, desde 1936. Nota-se, ainda, um autêntico Monte Calvário

³ Há contradições quanto à datação que indica a vinda e permanência de Francisco Mendonça Mar ao Brasil. Como também existem versões diferenciadas da sua chegada ao morro da Lapa, fatos que seriam mais esclarecedores com a consulta dos documentos manuscritos do Arquivo Estadual da Bahia, em Salvador, e da Torre do Tombo, em Portugal.

em cuja abertura Francisco Mendonça Mar colocou o crucifixo, que trazia, de dimensões proporcionais a ele. Em um canto, escondido, está pendurado um fonolito que serve de sino. Produz cinco ou seis sons diferentes muito agradáveis. Na parte externa fez-se uma fachada de tijolos, que tem à frente a espaçosa esplanada.

Esse morro, há três séculos é a pura definição de santuário.

A palavra santuário vem do latim *Santum Santorum*, que quer dizer santos dos santos. Santuário é o templo, ou o edifício consagrado às cerimônias de uma religião, lugar santo em geral. Em sentido restrito ele significa a parte da igreja onde se celebram as missas. Santuário é o lugar recôndito ou vedado ao público, destinado a guardar ou conservar objetos dignos de veneração.

O santuário da Lapa acumula alguns bens e riquezas, “mas também tem consciência de não desperdiçar aquilo que é patrimônio dessa entidade religiosa” (KOCIK, 1985:18). O santuário dá apoio à saúde do lapense carente e de quem chega necessitado, colabora com obras sociais, possui terras, onde emprega lavradores; está conveniado com entidades internacionais de assistência social e, enfim, administra toda a área do morro que traça a devoção e as obrigações religiosas. Toda essa estrutura montada se iniciou no começo deste século XX.

Com toda a presença histórico-mitológica do santuário, e das romarias que para a Lapa se dirigem, o culto católico é predominantemente a principal veneração da população local, e marco do turismo religioso da região.

As principais efemérides locais são: 31 de agosto, dia da cidade e 6 de agosto, dia do Padroeiro, momento auge do turismo, das romarias e do multiculturalismo, que se estendem por cerca de três meses, a começar de julho, terminando em setembro, da maneira mais brilhante, com as três romarias: a da terra, a do Bom Jesus e a da Nossa Senhora da Soledade.

As Três romarias: ato espontâneo e ato programado

No velho Aurélio traz uma sucinta definição de romaria, como sendo “peregrinação de caráter religioso que reforçam o ato de peregrinar, ou seja, andar por terras distantes; ir em lugares santos ou de devoção (FERREIRA, 1977:424).

Certamente, romaria é uma viagem ou peregrinação religiosa, especialmente a que se faz por devoção a um santuário, embora romaria não seja privilégio apenas da religiosidade. Pode ser também uma festa popular de arraial que, com danças, comezainas etc., se celebra em local próximo a alguma ermida ou santuário no dia da festividade. E grande número de gente afluí a um lugar, enfim, uma multidão.

Assim, as definições acima, em sua maioria, tem o sentido religioso, para a crença e para uma riqueza cultural, pois há uma convergência de elementos - de interesses folclórico, artístico, histórico e etnográficos, como os cantos, as danças, a indumentária, os alimentos, as cores etc.

Reminiscências de velhos costumes exteriorizam-se no clima propício das romarias que vieram, por tradição, trazidas de Portugal para o Brasil a partir do século XVII. Os romeiros oferecem objetos aos santos, rezam e cantam para eles, fazem a desobriga de ex-votos etc. no cumprimento de suas promessas e no pedido de uma graça.

Em ordem, os principais centros de romarias, no Brasil, são: Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em São Paulo, Juazeiro do Norte, no Ceará, e Bom Jesus da Lapa. Outros de grande expressividade são: São Francisco de Canindé, no Ceará; Nosso Senhor do Bomfim, na Bahia; e Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará.

Milhares de peregrinos se dirigem anualmente a esses santuários, crentes de que esses espaços sagrados são os locais propícios para o pedido e o pagamento da promessa. Crença de que é no santuário que o milagre pode se concretizar.

A romaria não tem data específica para os diversos e milhares de crentes. Ela pode acontecer a qualquer dia, a qualquer momento. O que é específico é a data da festa do santuário ou do padroeiro.

As romarias aumentam de número e são organizadas em abundância. Inclusive, além das organizadas por pessoas que contratam caminhões para seu transporte em longas distâncias, muitas são promessas que donos de caminhões fizeram com o intuito de levar romeiros ao santuário, o que pode ser constatado pelas centenas de veículos que se dirigem para os centros de romarias.

Mesmo fora de época, os santuários são palco da chegada dos romeiros, peregrinos que, a pé, em grupos, de carroça, de pau-de-arara ou ônibus, vão visitar e prestar suas obrigações religiosas ao santo e ao local sagrado. É o caso de Bom Jesus da Lapa, que todos os dias do ano recebe levas de romeiros, curiosos e turistas que se dirigem ao santuário.

Bom Jesus da Lapa possui três romarias oficiais por ano, ou seja, possui três épocas em que há fluxo maior de romeiros. São festas e encontros que se estendem de julho a setembro e que aumentam a população lapense. Para se ter uma idéia, a cidade possui 57.248. Entre os três meses de romaria o município oscila uma média de mais de 1.000 de habitantes, entre romeiros, peregrinos e turistas.

A festa de julho é a chamada Romaria da Terra. A festa de agosto, que culmina no dia 6, é a do Senhor Bom Jesus da Lapa, padroeiro da cidade. É a festa mais velha e a maior delas. A festa de setembro, celebrada no dia 15, é de Nossa Senhora da Soledade. Sua origem remonta aos anos oitenta do século XIX.

Milhares de romeiros participam da festa do Senhor Bom Jesus da Lapa, que possui três séculos contados a partir da chegada do monge eremita Francisco Mendonça Mar à gruta.

A cidade se transforma rapidamente numa Meca do São Francisco. Romeiros vêm de todos os pontos do Brasil, esperançosos de cura milagrosa ou de merecer uma graça ou, ainda, para pagar algum benefício alcançado.

Os hotéis ficam repletos. Improvisam-se casas de lona e outros materiais leves para acomodar o excesso de pessoas. E todas as grutas naturais se povoam. As pessoas se acomodam também em embarcações, canoas, pequenos barcos e barracas próximas do rio.

A partir do dia primeiro de agosto não cessam de afluir romeiros de diferentes regiões do Brasil a esse lugar sagrado. Antes do dia 6, existe a novena, preparação religiosa sob a orientação dos padres redentoristas (KOCIK, 1985, p.72). Encerra-se com procissão solene pelas ruas da cidade com a imagem do Senhor Bom Jesus e com a missa solene de despedida dos romeiros.

A festa de Nossa Senhora da Soledade, precedida pelo setenário de preparação, culmina com a procissão com a imagem da Senhora e com a missa solene. Comparada com a festa do Bom Jesus parece ser menos concorrida com número reduzido de romeiros. Mas isso não quer dizer que arregimente. São milhares de pessoas.

Caráter diferente tem a Romaria da Terra, que acontece entre os dias sete e dez do mês de julho. A Romaria da Terra foi instituída por alguns agentes da Pastoral da Terra, 1978, na região de Andaraí, Redenção e Itaitê, diocese de Rui Barbosa, Bahia.

A origem da Romaria da Terra está ligada à luta do trabalhador rural, liderada por agentes religiosos, contra fazendeiros e grupos econômicos que detêm larga faixa de terra e que, com isso, explora a mão de obra barata no campo e assume todo o poder de mando sobre zonas agrícolas.

A Romaria da Terra nasceu em um momento histórico em que o capital estava investindo na região de Andaraí e os fazendeiros e grupos econômicos estavam expulsando

posseiros que, inclusive, não tinham qualquer organização sindical. ⁽⁴⁾ Foi nessa conjuntura que a igreja de Andaraí percebeu que a fé no Bom Jesus era o grande sustentáculo do povo carente e espoliado da região. Essa igreja, seguidora da teologia da libertação, propôs à população rural uma romaria a Bom Jesus da Lapa, na tentativa de, diante da fé, debater os problemas da terra, conclamar os camponeses à organização e conscientização dos problemas relativos aos seus trabalhos.

A Romaria da Terra possui manifestações folclóricas de cada grupo regional que nela participa, com seminários tematizados, plenárias e debates, de onde se retiram propostas para a resolução dos problemas sociais e especificamente do mundo rural.

As reuniões e as plenárias se dão na esplanada do santuário e na gruta da Soledade. Alguns seminários são feitos em escolas de Bom Jesus da Lapa. Na esplanada, as missas acontecem pela manhã e à noite.

Hoje, na Bahia, existem várias romarias da terra. Localizam-se principalmente em regiões onde os conflitos de terra são freqüentes. Todas têm a participação da Igreja Católica, da Comissão Pastoral da Terra do Nordeste, do Movimento dos Sem Terra e sindicatos rurais. A quantidade de romeiros nessa romaria é bastante inferior à da romaria do Bom Jesus e da Soledade.

As romarias lapenses, de agosto e setembro, reverenciam e sustentam a tradição secular da romaria na cidade. Porém, ambas, sem a organização que tem a romaria da Terra. Por isso, as romarias de agosto e setembro são consideradas oficiais, tradicionais e espontâneas, pois, sem a organização paroquial e diocesana, convergem para o morro da Lapa mantendo o espírito da crença e da festa que envolvem a romaria. A Romaria da Terra é,

⁴ Entrevista com Frei Luciano Bernardes, 1994

então, um ato programado. Organizada por agentes pastorais e sindicais, ela está vinculada a classe trabalhadora rural.

Fator importante da Romaria da Terra é a participação sindical e da mulher. Líderes sindicais levam os problemas de suas regiões, questionam-nos e propõem saídas. As mulheres, por sua vez, gritam contra o machismo na sociedade e demonstram, inclusive com teatralização, a não submissão e subserviência ao homem.

Certamente, há sentido no termo programado para a romaria da Terra, embora, em certos momentos, este conceito seja impróprio na filosofia dessa romaria. Deixa de existir o programado e tem lugar a fé, e a crença pela melhoria das necessidades básicas do homem, que são o grande intuito das romarias na Lapa ou em qualquer outro santuário.

Apesar da grande afluência de romeiros, não é difícil encontrar uma casa na Lapa, pelo menos até o dia 1º. de agosto. A maioria dos moradores deixa suas casas nesta época - não fica nenhum móvel ou objeto - ou ocupa apenas um dos cômodos, para alugá-las aos romeiros. Crianças abordam os caminhões assim que chegam à cidade, perguntando se já tem onde ficar, e levam o “chefe/dono da lotação” ao proprietário de uma casa disponível, a quem servem de intermediários (Id, 16).

Alguns lapenses vivem exclusiva ou principalmente do aluguel de rancharias e tem duas ou três casas com este fim. A organização do espaço interno das residências faz crer que muitas delas foram construídas ou adaptadas para receber romeiros. Elas têm uma ou duas salas na frente, um longo corredor com quartos pequenos e um quintal ao fundo, às vezes com banheiro. Alguns dos quartos têm fogão à lenha. Dependendo do número de romeiros hospedados em uma destas casas, até os espaços dos corredores são usados como dormitório, as esteiras dispostas umas coladas às outras.

Até o dia 1º. de agosto, as casas são alugadas por, no máximo, três noites, por preços que variam entre 50 e 100 Reais. Imediatamente após a saída de um grupo, entra outro. Quem

chega depois do dia primeiro prefere pagar mais um pouco e permanecer na cidade até o dia da festa (6 de agosto). Por volta deste dia, as casas já estão praticamente todas alugadas, e quem não encontra lugar ou não tem meios para custear a hospedagem vai “arranchar” na beira do rio. Sem sanitários e sem água corrente - exceto a do rio - estes romeiros enfrentam algumas dificuldades, além da obrigatoriedade recém-estabelecida de levar os caminhões aos estabelecimentos criados pela Prefeitura, distante da gruta, e onde cada veículo pagava 15 reais.

Quem teve a sorte de ficar perto do rio resolveu seus problemas de abastecimento de água, para cozinhar, lavar e banhar-se, no próprio São Francisco. Outros, entretanto, usam os sanitários de casas particulares, mediante pagamento, ou compravam água para beber e cozinhar. Várias casas tinham, em suas portas, pequenas tabuletas de madeira, onde se lia: “Vende-se banho” (Ibd. 17-18).

Durante todo o tempo em que as atividades rotineiras são suspensas em função da visita ao Santuário, a identidade de romeiro do Bom Jesus, para aquelas pessoas, se sobrepõe às demais. Discursos e ações se somam, então, para elaborar esta identidade comum: todos comem a mesma farofa, todos dormem sobre o chão, todos percorrem os mesmos trajetos na cidade, cantam os mesmos benditos, vestem o mesmo chapéu, etc. Estes mecanismos não somente prestam-se à elaboração de uma identidade comum, mas preenchem-na com os conteúdos da pobreza, humildade e piedade, valores altamente prestigiados pela moral cristã, e fazem da viagem à Lapa uma forma atenuada de penitência: quem dormia em cama foi dormir em esteira sobre o chão, não só porque esta era uma contingência das condições de hospedagem, mas porque é preciso dormir em esteira para ser um “romeiro certo”; quem cozinhou em fogão foi acender fogo de lenha, quem dormia sob um teto foi dormir ao relento, quem não era mendigo foi esmolar comida e dinheiro, quem tinha sapato foi andar

descalço, e assim por diante. “Os romeiros se autocomparam a ciganos, errantes e acampados em tendas como eles, e constituindo um grupo bem delimitado socialmente” (Ibd, p.18).

A identidade do romeiro pobre, humilde e piedoso, facilmente aplicável ao viajante de um caminhão ou aos pedestres, inequívoca quando se tratava de separar romeiros de comerciantes, tropeçava ao deparar-se com os casos das famílias de classe média, hospedadas em hotel, viajando em automóveis particulares, oriundas das capitais. Decerto suas motivações religiosas eram as mesmas, mas não renunciavam às comodidades que sua situação permitia obter. Tendo que admitir que os romeiros de classe média também eram romeiros, mas não como os de caminhão.

A desobriga de monóculos e fotos vem aumentando diante dos ex-votos esculpidos artesanalmente ou moldados em cera, industrialmente. Queimar fogos de artifício e dar dinheiro ao santo são votos muito freqüentes.

A oferta de dinheiro ao santo é acompanhada de uma reza ao Bom Jesus, diante da imagem, no altar, como atestam os padres e demais agentes da Igreja no local, que são testemunhas de inúmeras cenas deste tipo.

A observação e registro das conversas com o santo (atos aparentemente informais, mas que são na realidade altamente ritualizados - genuflexão, mãos estendidas, olhos fechados e gesticulação são constantes), aos pés das imagens são um dos caminhos mais interessantes de estudo do comportamento religioso dos romeiros da Lapa, caminho este que não foi explorado, infelizmente. Entre outras coisas, elas incluem a transmissão de recados enviados por parentes, amigos e vizinhos (Ibd, p. 23).

Problemas de saúde são os mais freqüentes: epilepsia, bronquite, deslocamento do pescoço, cólicas, sarampo, etc. Nem sempre foram claramente identificados, o que faz supor que não foram objeto de um diagnóstico médico, sendo designados vagamente como “uma dor”, “aquela doença que a gente esquece o lado”, “uma doença”, “esteve muito mal”,

“bexiga furada”, “fadiga, nervos pra se acabar”, “um cansaço”, etc. Outros foram identificados, pelos próprios informantes, como alguma forma de distúrbio mental: “loucura”, “cabeça meio louca” e “desespero”. A frequência com que se apela aos santos e a Deus para curar-se de doenças facilmente superáveis, quando há remédios e assistência médica, dá uma medida da precariedade do atendimento de saúde que se faz no Brasil rural, embora não possa ser reduzida a este fator. E esses fatores podem ser captados através dos ex-votos que os próprios romeiros depositam, pedindo a graça ou pagando pela melhoria da doença.

Promessas não cumpridas são legadas aos filhos, quando da morte do indivíduo. Nada foi dito sobre as sanções sofridas pela alma do morto ou pelos vivos, enquanto permanecem devedores dos santos, mas há uma grande pressão moral sobre aqueles que se acreditam em dívida.

A penitência, sob as mais variadas formas, é também um dos elementos que compõem a cadeia de trocas entre os homens e o Bom Jesus, e uma das idéias nucleares da romaria: os homens recebem graças e retribuem com sacrifícios pessoais espontâneos, tais como andar de joelhos, carregar pedras, não tomar banho, não trocar de roupa, esmolar, dormir no chão, andar descalço. São atos votivos isolados.

O corte de cabelos, por exemplo, pode ser visto pela óptica do sacrifício - uma espécie de mutilação - e tem respaldo na tradição judaico-cristã enquanto simbolismo da sujeição.

As ofertas em dinheiro, muito comuns - na fila para o altar do Bom Jesus pode-se ver muita gente segurando cofrinhos de lata -, não deixam de ser uma forma de os romeiros se penitenciarem, pois para camponeses e lavradores sem terra, que vivem em uma economia onde as trocas monetárias são muito reduzidas, juntar dinheiro para depositar nos cofres dos santos significa tê-lo subtraído de algum lado, isto é, ter-se privado de algum bem ou serviço.

A romaria como penitência e a penitência como oferta que agrada particularmente ao Bom Jesus são idéias generalizadas. Assim, mesmo que não tenha promessa a cumprir oferece

ao Bom Jesus os sofrimentos da viagem e espera ser abençoado e protegido. Não se tem em mente uma benção específica, “mas quem sofre expia alguns pecados, sai purificado e espera garantir, deste modo, um lugarzinho no céu” (Ibd, p. 26).

É possível que outros centros de romaria no Brasil, que atraíam peregrinos das classes urbanas e rurais de baixa renda, tenham o mesmo caráter.

Todos concordam também, na Lapa, que as diversões dos romeiros resumem-se aos passeios nas grutas, ao banho de rio, a comer peixe, fazer comprar, fazer-se fotografar, ir à feira. Os donos de barraquinhas de comidas e bebidas sabem que a maioria dos romeiros não bebe álcool, e um forró da cidade, muito concorrido, atrai muito os caminhoneiros, ambulante e a população local, apesar de ser aberto ao público. Alguns romeiros param, escutam a música animada, olham por alguns instantes e se retiram. Da mesma forma, as boates da cidade, lotadas nas noites de sexta, sábado e domingo, congregavam os jovens lapenses e nunca os romeiros.

Mesmo pobres e mais simples do que o lapense, os romeiros ganham uma posição confortável em Bom Jesus da Lapa, a de que eles sustentam uma tradição e muita gente que a explora.

A Sala de milagres

Também denominado de casa dos milagres, sala dos milagres, saleta dos milagres e sala das promessas, esse espaço é a dependência dos templos e santuários onde se abrigam e expõem os ex-votos de agradecimento por graças recebidas ou de pedido de várias graças.

A maioria das salas de milagres possui aspectos semelhantes: ex-votos espalhados por todos os cantos, pouca arrumação, cheiro de cera, e, em horário de visita, dezenas de pessoas,

entre curiosos e pagadores de promessas que tornam o espaço cheio, tanto de gente quanto de objetos ex-votivos.

A importância da sala de milagres se deve ao fato de ela ser o espaço acolhedor do objeto que se torna, aí, um ex-voto. É o espaço que proporciona, ao crente, a guarda do objeto-testemunho que simboliza a pretensão ou milagre alcançado. É o espaço que possibilita a comunicação entre o crente, os demais fiéis e curiosos e o ente superior. É o espaço que expõe o testemunho da crença.

A sala de milagres, na maioria dos santuários, está anexa a igreja, seja de que tamanho for ou a uma pequena distância não fugindo aos limites do templo. A exemplo disso a sala de milagres do Senhor do Bomfim, em Salvador. Ela fica no edifício da igreja, no corredor direito, lateral à nave central. É passagem para o Museu dos Ex-votos, que fica no andar superior que guarda os objetos de maior valor.

Um outro exemplo é sala de milagre do Santuário de Aparecida do Norte. Possui uma organização sistematizada. Está ao lado da basílica, e responsável pela fomentação de acervo ao museu dos ex-votos daquele santuário. O mesmo não acontece no Santuário de Caravaggio, no Rio Grande do Sul, onde a sala de milagres é a antiga igreja, a primeira, e está a alguns poucos metros da nova igreja.



Figura 2 Vista parcial da sala de milagres do santuário lapense

A sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa é a mais visitada e a que possui mais documentos ex-votivos no Estado da Bahia. (figura 2) Dentre as salas de milagres em grutas, é uma das mais procuradas de todas as salas. Está localizada na gruta da Soledade no morro da Lapa. Situa-se entre duas outras pequenas e estreitas grutas, a de Santa Luzia e a de São Gonçalo.

Ao contrário das salas de milagres construídas, a do santuário da Lapa não permite ao visitante passar um tempo superior a duas horas no seu interior por dois motivos. O primeiro, e principal, é porque o clima torna-se pesado, devido à escassez de ar. O segundo, diz respeito ao número de ex-votos. São muitos ex-votos em espaço reduzido. Esses fatores requerem que o espectador retorne por diversas vezes ao local.

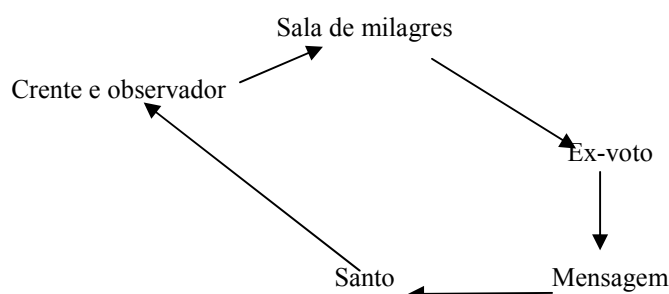
Os ex-votos são expostos pelo próprio crente, com pouca ou nenhuma arrumação. Não há identificação. O próprio objeto, com seus bilhetes, com seus símbolos fáceis de decodificação, transmite ao espectador a essência, o milagre, o pedido, o tipo de doença, o desejo, etc., atitudes representadas figurativamente. (figura 3)



Figura 3. Ex-votos espalhados em um dos cantos da sala de milagres.
Santuário de Bom Jesus da Lapa.

A sala de milagres do santuário da Lapa permite, como todas as outras salas do gênero, uma visão que se enquadra numa concepção democrática de exposição. Ou seja, na sala de milagres qualquer pessoa expõe o seu objeto. Seja rico ou pobre, trabalhador do campo ou operário de uma indústria, prefeito de uma cidade ou um gari, advogado ou estudante. Todas podem fazer a sua desobriga. Isso mostra a liberdade na demonstração a fé.

O esquema abaixo mostra o ciclo comunicacional que parte do crente e se processa no espaço dos milagres, numa ação e reação:



Nota-se um ciclo que parte do crente, que também é um observador, já que a sua mensagem retorna a ele próprio, pois é ele que desenvolve a exposição, provoca uma mensagem - endereçada ao santo protetor - que se dirige a outros crentes ou não-crentes-observadores. Esse círculo enobrece o espaço, dando-lhe a possibilidade de trocas comunicacionais mais rápidas, efêmeras e democrática, mais intensas do que o museu

Hoje, a importância da sala de milagre, no santuário de Bom Jesus da Lapa, é igual a da igreja principal, pois testemunha a fé que move o romeiro de longe, do Piauí, de Minas Gerais e de outras partes do Brasil, e que se dirige ao santuário.

O “palco” da sala de milagres aproxima o espectador dos vários testemunhos ex-votivos que, com o movimento das romarias, enaltecem os milagres, elucidam vontades e sentimentos, doenças e pobreza, felicidade e amor. Alguns dos sentimentos são marcantes e testemunhais do movimento dos romeiros. Como os ex-votos em forma de rancho, que

demonstram a fé, a gratidão ou até mesmo o pedido pelo rancho, pela roça, pela fazenda. São as maquetes, típico ex-votos que mais sobressai na romaria da terra. (figura 4)



Figura 4. O ex-voto em forma de maquete de rancho. Testemunho da romaria da terra.

Romarias, sala de milagres e ex-votos tornam mais significativo o patrimônio cultural religioso da Lapa. Eles cumprem uma tradição milenar cristã, centenária brasileira, demonstrando valores de uma crença que segue mostrando a arte, os ritos, a música e todo um movimento social que, além de atrair os olhares do estrangeiro, consegue marcar fatos, acontecimentos e atitudes que mostram a doença, a pobreza, a morte, o amor, a tristeza, os desejos e felicidades através das “*premissas*” e dos milagres. Questões que enaltecem o social, que mostram a situação do romeiro que vem de longe, de Minas Gerais, do próprio lapense e dos solitários crentes das capitais. Questões guardadas num morro que de muito longe se vê, e que, através do estudo da sua história, se pode resgatar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, A. de Souza. “Pelo São Francisco: estrutura geológica e mineral”. In: **Laboratório**. Salvador, n. 3, jun. 1905.

_____. **O morro e o santuário de Bom Jesus da Lapa**. Bahia: Papelaria, Typografia Baptista Costa, 1910. 18 p. il.

ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro: Delta, 1972. v. 6, p. 2645, il.

_____. Rio de Janeiro: Delta, 1972. v. 13, p. 6122, il.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS - ESTADO DA BAHIA, BOM JESUS DA LAPA. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. p. 23.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 424.

KOČIK, Lucas. **Lapa: o santuário do Bom Jesus**. 3 ed. Bom Jesus da Lapa: Bom Jesus, 1985. 116 p. il.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Ex-votos da sala de milagres do santuário de Bom Jesus da Lapa: sociedade, religião e arte**. Salvador: UFBA/EBA/MESTRADO EM ARTE, 1995. 122 p. il. (Dissertação de Mestrado).

_____. “Democracia e informação: os museus virtuais totais”. In: **Diálogos possíveis**. Vol. 1, n.0 (jul/dez 2002) Salvador, 2002. p. 133-148. Il.

_____. “O museu e as tecnologias da inteligência: memória e objeto”. In: **Revista da FDJ**. Vol. 1, n. 0 (jul/2003) Salvador, 2003. p. 88-105

_____. Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia. Disponível em <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=6942> Acesso em 16 de abril de 2007

_____. “Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia: Semiologia e Simbolismo no Patrimônio Cultural”. In: **Em foco** – Revista Museu. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=6942> . Acesso em 01 de abril de 2007

_____. “Ciberhistória”. In: **Diálogos Possíveis**. Salvador: FSBA, 2005. Ano 4, n.2 (ago./dez. 2005). p. 23-30

_____. “Semiologia dos ex-votos na Bahia: arte, simbolismo e comunicação religiosa”. In: **Diálogos Possíveis**, Ano 5.n.2, julho / dezembro 2006. p. 111-125

_____. “Ex-votos escritos: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil”. Trabalho apresentado no NP-Intercom - Folkcomunicação, no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, em setembro de 2007, no **INTERCOM**

2007 - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Santos, São Paulo. (CD ROM)

_____. “Ex-votos do Brasil: a gramática e a ortografia nos bilhetes e nas cartas ex-votivas”. In: Trabalho apresentado no GT de Teoria e Metodologia da Comunicação no IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste – **INTERCOM-NE 2007** – Salvador – BA, em 7-9 de Junho de 2007. (CD ROM)

SEGURA, Turíbio Villanova, Pe. **Bom Jesus da Lapa**: resenha histórica. São Paulo: Ave Maria, 1937. 221 p. il.

SARMENTO, Luiz Carlos. São Francisco o rio da integração. *Revista Geográfica Universal*. Rio de Janeiro, n. 52, jul. 1987. p. 82-98.